

‘Criatividade participativa’ intercultural

O processo de criação no
Tanztheater de Pina Bausch



Teresa Norton Dias

Ficha técnica

Título da obra: ‘Criatividade participativa’ intercultural: o processo de criação no *Tanztheater* de Pina Bausch
1ª Edição | 2021

Propriedade

Teresa Norton Dias

Endereço

teresa@tnortondias.com

ISBN: 978-989-33-2177-5 [Suporte: Eletrónico] | [Formato: PDF/PDF/A]



Este trabalho está licenciado com uma Licença Creative Commons [Atribuição-NãoComercial 4.0 Internacional](https://creativecommons.org/licenses/by-nc/4.0/).

Capa/Verso: Gabinete de Comunicação e Marketing | Universidade da Madeira 2021

Com o apoio de

Arquivo pessoal de Gabriela Cerqueira

Arquivo pessoal de Maria João Seixas: fotografia © Manuel Costa e Silva

© Foteini Christofilopoulou: fotografias de *Masurca Fogo* 2017

Maria João Seixas: fotogramas de *Pina Bausch. Lissabon Wuppertal Lisboa* / © Fernando Lopes

S. Fischer Stiftung: fotografia de Pina Bausch: © bpk / S. Fischer Stiftung / Leonore Mau

Tanztheater Wuppertal Pina Bausch: fotografia de *Masurca Fogo* 2018 / © Oliver Look

DAAD
Deutscher Akademischer Austausch Dienst
German Academic Exchange Service

PREFÁCIO -----	17
-----------------------	----

INTRODUÇÃO -----	19
-------------------------	----

PARTE I – ENQUADRAMENTO TEÓRICO E METODOLÓGICO

CAPÍTULO 1 – Mobilidade e *Performance*

1.1 Multi-, inter- e transculturalismo e <i>performance</i> artística -----	34
1.2 ‘Criação participativa’ intercultural -----	40
1.3 Coreografia sob o olhar do investigador-----	44
1.4 Lisboa, palco urbano e interculturalidade -----	47

CAPÍTULO 2 – Opções de Ordem Metodológica

2.1 O acesso às fontes e as opções de redação -----	57
2.1.1 Da criação à produção: conversas e partilha-----	60
2.1.2 A conversa que não poderia ter sido uma entrevista -----	63
2.2 Pesquisa documental -----	65
2.3 O caso em estudo -----	67
2.3.1 Etnografia bi-situada: <i>Masurca Fogo</i> entre Wuppertal e Lisboa -----	70
2.3.2 O etnógrafo e o crítico de dança-----	72
2.4 Interpretação artística: evidência imagética e medialidade corporal -----	76
2.5 Análise fílmica: a relevância da relação corpo-imagem-----	82

PARTE II – CONTEXTO HISTÓRICO E LEGADO ARTÍSTICO DE PINA BAUSCH

CAPÍTULO 3 – *Der Ausdruckstanz, das Tanztheater und die Folkwangschule*

3.1 <i>Der Ausdruckstanz</i> : Mary Wigman, Kurt Jooss e a influência de Rudolf von Laban no <i>Tanztheater</i> de Pina Bausch-----	91
3.2 Pina Bausch na <i>Folkwangschule</i> de Essen e no <i>Folkwang Ballett</i> -----	99
3.3 Pina Bausch na direção artística do <i>Wuppertaler Ballett</i> -----	101
3.3.1 <i>Tanztheater</i> de Pina Bausch: expressão artística transdisciplinar -----	107

3.3.2 As fases do percurso coreográfico de Pina Bausch na <i>Companhia Tanztheater Wuppertal</i> -----	112
--	-----

CAPÍTULO 4 – ‘Residências Artísticas’ e transferência cultural

4.1 ‘Residências Artísticas’ em coprodução internacional -----	130
4.2 Processo criativo e transferência cultural -----	141
4.3 <i>Die neuen Stücke</i> e as questões de autoria -----	143

PARTE III – A ESCOLHA DO FESTIVAL DOS 100 DIAS DA EXPO’98

CAPÍTULO 5 – *Masurca Fogo*: o caso em estudo

5.1 <i>Masurca Fogo</i> uma produção intercultural participada a partir de Lisboa -----	155
5.1.1 O título: <i>Masurca Fogo</i> -----	158
5.1.2 Multi- e interculturalidade: o elenco de <i>Masurca Fogo</i> -----	165
5.1.3 Descrição de <i>Masurca Fogo</i> e identificação dos aspetos interculturais -----	168
5.1.4 Análise de <i>Masurca Fogo</i> : aspetos interculturais -----	180
5.1.4.1 Aspetos interculturais: análise qualitativa -----	182
5.1.4.2 Aspetos interculturais: análise quantitativa -----	198

CAPÍTULO 6 – Outros olhares sobre *Masurca Fogo*

6.1 O olhar de Fernando Lopes sobre o processo de criação de <i>Masurca Fogo</i> -----	206
6.2 <i>Masurca Fogo</i> e a crítica -----	214
6.3 Memória e transmissão -----	220

CONCLUSÃO -----	227
------------------------	-----

BIBLIOGRAFIA -----	231
---------------------------	-----

NOTA AUTOBIOGRÁFICA -----	267
----------------------------------	-----

Prefácio

O título feliz da presente publicação revela de forma clara aquilo de que Teresa Norton Dias fala: o olhar lançado sobre a obra de Pina Bausch analisa o processo de criação de “peças” do *Tanztheater* num contexto intercultural, multicultural, na verdade: transcultural. Norton Dias demonstra o que uma tal empresa significa: uma criação participativa que se encontra permanentemente na margem, no Entre, transgredindo fronteiras não só entre culturas, mas também entre coreógrafo e bailarino/a, conceitos e preconceitos, legado histórico e futuro.

Assim como o presente livro transgride a margem entre uma metodologia dos *Performance Studies* e das ciências sociais, nomeadamente, da Etnografia e dos Estudos Interculturais, também são respeitados os contextos históricos da criação de Pina Bausch e do *Tanztheater Wuppertal*, bem como a divulgação mundial da marca *Tanztheater Pina Bausch*. Teresa Norton Dias não só apresenta um considerável enquadramento teórico para a obra de Bausch como integra a sua investigação em campo na sua análise: conviveu com o actual *Tanztheater* em Wuppertal, acompanhou o elenco multicultural (com alguns dos bailarinos que trabalharam com Pina até ao fim) no seu trabalho criativo e completou o seu trabalho com fontes preciosas encontradas em arquivos alemães.

Compreendemos como o trabalho criativo de Pina Bausch respira o imortal génio de Peter Brook quando fala em *The Empty Space* (1968) da efemeridade da *performance* que vale para o teatro-dança:

the theatre of joy, of catharsis, of celebration, the theatre of exploration, the theatre of shared meaning, the living theatre are one. But once gone, the moment is gone and it cannot be recaptured slavishly by imitation—the deadly creeps back, the search begins again. (Brook, 1996: 168)

Assistimos ao conflito imanente ao trabalho colectivo: “Group creation can be infinitely richer, if the group is rich, than the product of weak individualism—yet it proves nothing. There is eventually a need for authorship to reach the ultimate compactness and focus that collective work is almost obliged to miss.” (*idem*: 41) O futuro do *Tanztheater* sem Pina Bausch é incerto.

Peter Brook tinha comparado o trabalho do director de teatro com o do escultor:

The theatre director has to expose his uncertainties to his cast, but in reward he has a medium which evolves as it responds: a sculptor says that the choice of material continually amends his creation: the living material of actors is talking, feeling and exploring all the time—rehearsing is a visible thinking-aloud. (idem: 131)

Por outras palavras, como tinha escrito Ronald Kay, marido de Pina, em 1988, no seu pequeno ensaio *Einführung in die Sterblichkeit* [Introdução à mortalidade] que acompanha o livro de fotografias *Ensemble* (!), da autoria de Leonore Mau, sobre os bailarinos do *Tanztheater* em Wuppertal: “Pois a composição do *Tanztheater* é uma tal que se confia à memória viva, orgânica, interior: só nela pode e quer sobreviver e ser guardado.” (Kay, 1988: 109). Entendemos: também na memória dos espectadores, na *mémoire collectif*. Kay descreve as obras de arte de Pina Bausch como marcadas, à flor da pele, pela presença de cada bailarino, pela sua individualidade inconfundível. E assim as peças se constituem, literalmente, na apresentação *live* mesmo, e só existem nela.

O caso em estudo analisado por Teresa Norton Dias serve de perfeito exemplo para o método da criação participativa em residência artística do *Tanztheater* em Lisboa no âmbito da Expo’98, da qual resultam a peça *Masurca Fogo* e o filme de Fernando Lopes *Lissabon Wuppertal Lisboa* (1998). Uma minuciosa análise do evento demonstra de forma impressionante como não só as culturas dominantes – a cultura alemã e a cultura portuguesa – se formam, transformam e transformam mutuamente, mas também como a praxis artística nómada e de raiz multicultural se torna modelo para um pensamento mestiço capaz de revolucionar o mundo artístico – e não só.

Pina Bausch e os seus bailarinos parecem ter compreendido há muito e *avant la lettre* que: “Todos somos mestiços e é no labirinto mais profundo das nossas mestiçagens que se geram as nossas opções, que se estruturam os nossos valores” (André, 2012: 43).

Teresa Norton Dias abre-nos o mundo de Pina Bausch e do seu *ensemble*, e assim compreendemos que a nossa identidade mestiça e compósita será, também, uma obra de arte.

With love from Lisbon.

Anne Martina Emonts
CECC UCP Lisboa/UMA